

Relatório sobre o documentário A Educação Proibida, dirigido por German Doin e Verónica Guzzo e com Produção da Asociación Civil Redes de Pares/Reevo.

Report on the documentary The Forbidden Education, directed by German Doin and Verónica Guzzo and produced by the Civil Asociación Redes de Pares/Reevo.

Submetido em: 10/11/2021

Aprovado em: 15/11/2021

v. 1, n. 12 p. 01-04, dez. 2021

DOI: 10.51473/rcmos.v1i12.204

1

Henrique de Oliveira Moreira

A Educação Proibida é um documentário produzido em 2012, na Argentina, que vai construindo uma percepção sobre o que é e o que deveria ser a educação através da participação de educadores do Chile, do Peru, do Uruguai, da Argentina, da Colômbia e da Espanha; e da apresentação de alguns conceitos de pensadores como Rudolf Steiner e Montessori. O filme inicia fazendo um paralelo entre *O mito da caverna*, de Platão e o modelo tradicional de ensino, insinuando que talvez estejamos num mundo de sombras no que condiz à educação.

Um pensamento bastante recorrente durante a apresentação é que é preciso entender e transformar a realidade. Sabe-se que há muitas escolas para diversos tipos de públicos (ricos, pobres, operários, classe média...), mas poucas se dedicam a buscar a excelência educacional. Contudo, todas aspiram a um ideal de escola comum, mesmo sem oferecer a resposta de que contribuem para o desenvolvimento individual e coletivo dos cidadãos.

Logo no início, há um professor hipotético (provavelmente de Sociologia, pois é o que está escrito no quadro negro) dizendo que havia proposto uma redação aos alunos sobre o percurso deles na escola e o resultado é que os estudantes não se sentem ouvidos pelos pais, nem pelos professores e logo em seguida há a sugestão de que o fracasso não é dos alunos, mas do sistema que oferece escolas desinteressantes e entediadas que se preocupam com o cumprimento curricular meramente; baseando-se no mérito, na postulação de conhecimentos formais, estimulando a competição, a discriminação e o egoísmo.

É mostrado que as escolas não mudaram tão rapidamente como outras partes da sociedade e, em grande medida, ainda se tem uma educação que tenta padronizar as pessoas

que são únicas e deveriam ser respeitadas as suas singularidades. A escola não se preocupa com a história individual dos estudantes e isso mostra um pouco da deficiência dos cursos formadores de professores, pois também não os ensinou a ter uma visão holística dos indivíduos. As escolas funcionam como isolantes e adestradores do comportamento humano e não permitem que os estudantes digam o que pensam ou que pensem autonomamente.

São apresentados também alguns conceitos sobre a educação na antiguidade clássica grega, dizendo que a instrução obrigatória naquela época seria para os escravos ou para os militares, modelada na dor e no sofrimento, enquanto para os homens livres e ricos eram oferecidas a reflexão, a conversação e a experimentação livre. Ressalta, ainda, que no século XVIII, na Prússia (1760) especificamente, é que surgiram as escolas públicas, gratuitas e obrigatórias que, com princípios iluministas, fomentavam a disciplina, a obediência e o regime autoritário; seguindo os moldes do poder Absolutista que queria um povo dócil e obediente para servi-lo nas guerras.

Essa visão se propagou pela Europa e América, perpetuando a divisão de classes e objetivando a manutenção do *status quo*. Ainda hoje, a escola continua sendo usada para formar mão de obra para as fábricas e indústrias, ou seja, visando o lucro e conservando a estrutura que interessa à elite. Tanto é verdade que, no início do século XX, os próprios donos das fábricas incentivaram a criação das escolas para que os pais pudessem ter onde deixar os filhos, sempre seguindo o padrão mecanicista das linhas de produção, fragmentando o saber na tentativa de atender um currículo preestabelecido.

Esse sistema obriga o professor a respeitar o programa com certa rigidez militar, o que desumaniza a todos, ao tratá-los como homogêneos. Se tal modelo não atende as individualidades, logo, é um modelo de exclusão em que tudo o que for diferente deve ser proibido. Ao contrário, deve-se entender a Educação como um processo em que todos os aprendizados acontecem e, para isso, é necessário que se tenham educadores dispostos a ajudar a criança a se desenvolver, respeitando as necessidades dela e não dos modelos pré-estabelecidos. O ambiente a ser oferecido deverá contribuir para que os estudantes possam pensar, raciocinar, criar, imaginar autonomamente. É preciso permitir que possam se expressar da maneira mais conveniente a elas. A mera repetição transforma os alunos em repetidores, dentro de um processo maçante que dificulta o aprendizado e, por isso, deve-se buscar a compreensão e não a memorização para a construção do conhecimento. Uma vez que o aprender depende da relação entre o aprendiz e o ambiente, o aspecto lúdico contribui para o

aprendizado efetivo. Em um contexto apropriado, erros e equívocos são bem-vindos, quando há reflexão, quando o próprio aluno consegue visualizar o erro, assim como os pares podem auxiliar também.

No filme, alguns educadores propõem que o professor e o conteúdo devem deixar de querer ser protagonistas para deixar a criança ser a construtora de seu próprio caminho no seu próprio tempo, assim o educador deve prover somente o necessário para que os estudantes sejam criadores de seu próprio caminho.

Indicam ainda que o amor e o respeito são necessários em todo o desenvolvimento da vida, ao contrário do castigo e da ameaça que afastam o ser do que ele realmente é e contribuem para que suas ações vão sendo controladas pelo medo. O educador deve cuidar do viver alegre da criança e observar com ternura o que elas pedem e o que querem, pois mostram o caminho. Nessa direção, o estímulo e a motivação não são necessários, pois elas mesmas podem instintivamente se automotivar e encontrar seus dons. A escola deve entender que todos são diferentes e que os ritmos de aprendizagem também são diferentes, que há inteligências múltiplas, que todos são originais como indivíduos. É preciso uma educação holística para desenvolver um ser humano equilibrado, entendendo que educação integral não é o acúmulo de atividades, mas a busca pelo desenvolvimento holístico em que tudo se relaciona com tudo.

A escola deve servir como base de experimentações científicas, artísticas, culturais, humanas. É preciso ter carinho, amor e paciência – é preciso escutar, entender para que se sintam queridos, reconhecidos e que aprendam a expressar suas emoções e conhecerem a si mesmos. A escola deve ensinar a tomar decisões diante das escolhas, respeitando seu próprio tempo e seus interesses. A liberdade deve começar na escola que deve mostrar a possibilidade de autonomia e independência e isso gerará responsabilidade. Em um novo modelo educacional, o professor não indica o que os estudantes devem fazer. Ao invés disso, mostra a eles que são capazes de dirigir suas vontades, propiciando a eles uma participação ativa em suas escolhas. O professor gerencia, escuta, dá espaço para o desenvolvimento, não impõe, mas propõe.

Em alguns modelos, há a abolição da estrutura de poder e os problemas são analisados conjuntamente e as decisões levam em consideração a opinião de todos. Assim como o currículo deve ser construído por todos, as regras de convivência seguem o mesmo princípio.

Há assembleias para discussão de todos os assuntos, desde pequenos conflitos até a escolha dos educadores; o que fortalece a cultura do diálogo, da troca e do respeito ao outro.

O documentário propõe a oferta de vários cenários para que se possa construir o que for mais adequado para cada um, não impondo limites espaciais para se educar. Nesse contexto, o professor não dá aula, mas acompanha o processo de aprendizagem, como um guia que cria possibilidades. O educador deve cuidar dos estudantes, abandonar a onipotência, ser humilde e ser capaz de observar. Deve ainda questionar o que acredita para mudar e estar em contínuo processo de autodesenvolvimento. Deve amar e ser feliz no trabalho e estar disposto a aprender com as crianças.

Outro tópico importante é a citação da participação ativa das famílias na construção do aprendizado. Com liberdade, respeito e amor, a participação dos pais é fundamental, pois são responsáveis por toda a formação do ser que estão criando.

A mensagem final é que o amor é a coisa mais importante, pois o conhecimento virá com o decorrer da vida. Foram mostradas algumas escolas de diferentes países onde cada uma tem um modo diferente de entender a educação com a intenção de mudar. Apostam a aprendizagem como um intercâmbio vivo, uma educação viva, enfatizando que não há um método correto. O que há é o chamamento para o despertar para uma nova educação com o anseio de criar pontes para o alcance de novas formas de educar. Sugere-se adequar a pedagogia ao momento atual, aos alunos, aos professores, quebrar os paradigmas e abolir o que não faz sentido.

Referências

Documentário, **A educação proibida**. Argentina, 2012, 115 min. Direção: Germán Doin Roteiro: Germán Doin, Verónica Guzzo, Julieta Canicoba; Juan Vautista. Fotografia: Sandra Grossi. Montagem: Germán Doin e Verónica Guzzo. Produção: Daiana Gomez, Verónica Guzzo, Franco Iacomella; Cintia Paz. Disponível em: <http://cirandadefilmes.com.br/br/filme/29-A-Educacao-Proibida>. Acesso em 02 jul. 2021.